

**Ao Encontro do Sul de Si  
sobre *O Sul dos Meus Sonhos*, de Teresa Rita Lopes (Faro, Gente  
Singular, 2009)<sup>1</sup>**

Ricardo Marques  
FCSH, Universidade Nova de Lisboa  
[ricardo.marques@fcs.unl.pt](mailto:ricardo.marques@fcs.unl.pt)

Ecopoetry is connection. [...] Ecopoets must remember our bodies, our families, and push the range of our language.

James Engelhardt

Emergiu nos últimos anos um novo paradigma de aproximação ao texto literário, de origem anglo-saxónica, que se conhece pelo nome de Ecocrítica (*Ecocriticism*, no original). Como se presente pela epígrafe acima transcrita, os pressupostos deste tipo de questionamento ao texto literário assentam na demanda pela forma como este se interrelaciona com todos os aspectos da sua realidade exterior. Penso que o último livro de poesia da investigadora pessoana e poetisa algarvia Teresa Rita Lopes, acabado de sair por uma editora de Faro (Gente Singular), acentua esta preocupação em dizer poeticamente os lugares essenciais da sua poesia. Falo não só dos físicos e reais, mas também dos outros lugares, as pessoas e as memórias, que no fundo fazem uma *cartografia das emoções*, para tomarmos de empréstimo um título recente de outro poeta algarvio, Nuno Júdice. Exemplificando isto mesmo temos desde logo o primeiro

---

<sup>1</sup> Todas as páginas mencionadas no presente artigo são referentes a esta obra incluída na bibliografia final.

poema que, simultaneamente, dá título ao volume e ocupa a contracapa numa versão manuscrita pela sua própria mão, naquilo que constitui um autêntico manifesto das intenções da escritora para com ele:

Os meus sonhos situam-se  
sempre  
a Sul  
    Faro  
    Cacela  
    ou Alcoutim

cenários  
da minha infância  
de filha única  
a brincar sozinha

A esses sítios regresso  
em sonho  
ritualmente  
    talvez  
    para me encontrar  
    com quem era  
    e pressentir  
    quem sou

Uma característica que a sua poesia última igualmente aprofundou, que quase poderíamos aproximar de uma catarse aristotélica, é a da aceitação dos aspectos menos positivos da sua vida, o que este poema espelha. Falo não só da solidão da «filha única», depois da morte precoce do pai, deixando Teresa Rita no meio das mulheres e dos velhos locais, mas também do seu desenraizamento forçado por uma dura e incoerente ditadura (como diz em «Floralia», «As plantas da minha varanda falam algarvio/ melhor do que eu/ que perdi o sotaque original/ na minha vida errante»), do regresso e da posterior morte da mãe (do qual resultou o seu notável e assombroso *Cicatriz*, de 1996). Assim, e como nos diz a poetisa explicando o título do poema e do livro, estes «cenários» são «sítios [a que] regresso/ em sonho/ ritualmente», criando um espaço dual e sobreposto

entre o passado que alguém recorda e o presente, onde ele regressa na tentativa de a autora se conhecer a si própria.

De facto, *O Sul dos Meus Sonhos* vem na continuidade dos seus livros precedentes, o que a autora refere no seu esclarecedor (e porque não *afectuoso*) posfácio (pp. 153-155), ao mostrar inúmeros exemplos de outros poemas de outros livros onde os mesmos *afectos* (título de um volume de 2000) pelo sul se sentem. Neste sentido, este livro que agora se edita tem um reflexo natural num outro anterior sobre o Sul, mas em prosa – *Estórias do Sul*, de 2005. Se o motivo que a levou a publicar este título se prende com o facto de querer passar a escrito, e assim resgatar para sempre, muitas das *estórias* que aprendeu no sul da sua infância e de que ainda se lembrava, já este livro acaba por ser o complemento genológico que escreve o seu sul em forma de poesia, de forma igualmente pessoal, um roteiro interior. Vejamos mais detidamente de que forma se estrutura esta viagem no tempo.

Os dois primeiros núcleos temáticos constituem um umbral perfeito para quem quer entrar neste livro. Por um lado, as três dedicatórias, em verso e em comunhão com a sua terra, cada uma invocando quer as pessoas que viram estes mesmo lugares («Às minhas raízes algarvias», p. 6), quer mostrando a sua visão da escrita poética : «Os meus versos/assim os quero:/ um cestinho de figos/para presentear os amigos». Por outro, os textos em forma de preâmbulo («Preambulando», pp. 9-17), onde se manifesta claramente a aceitação das raízes - «Sou daqui» é refrão que repetidamente se escreve num dos poemas (p. 11) – bem como uma propensão para ilações filosóficas generalizadas, que partem da reflexão sobre o seu próprio caso, lembrando a sabedoria telúrica de António Aleixo:

Isto sou  
um chão adubado de lágrimas mansas  
depois das tempestades de Verão que mudam o lugar  
de tudo  
Isto sou  
um céu navegado por nuvens esgarçadas  
apunhalado por relâmpagos de paixões e mortes súbitas

ou velado por crepúsculos doces  
   às vezes brandamente  
 constelado de sábios astros quietos  
   seguros não sei  
 de que verdade ou mistério  
   Isto somos  
   um chão  
 sem limites  
   O sangue e as lágrimas da minha Mãe  
 já viúva quando me pariu  
   a dubaram e regaram  
 antes de eu começar a chamar-lhe meu  
   a chamar-me eu  
 [...]

(«Isto sou», p. 15)

Passando esta parte de centramento no Eu poético, Teresa Rita desenvolve *os seus sonhos do sul* em duas partes – uma, mais pequena e intitulada «Naturezas Vivas» (pp. 17-31), onde a subversão deste tipo de representação pictórica rima com a descrição de árvores («A velha amendoeira», p. 19), flores e plantas, sobretudo as autóctones algarvias («Flores e Figos de Tuna», p. 24), e outros aspectos da vida daquele tempo (veja-se a vivacidade sinestésica de «Nora Algarvia», p. 23, ou a bonita e mínima descrição de «Casa Algarvia», p. 20).

Em segundo lugar, «Meus Sítios» (pp. 31-153) corresponde a mais de metade do livro, subdividindo-se em três núcleos que equivalem aos três lugares que o poema inicial já nos tinha enunciado e que são os de Teresa Rita (respectivamente, «Faro e Redondezas», «Cacela e Redondezas», «Alcoutim»), mais dois que se intitulam «Jardim suspenso sobre o Tejo» e «Fonte do Sol». Todos estes poemas se reduzem ao conceito, ora mais lato e metafórico ora mais estrito e pessoal, de casa, que já pressentíamos de trás. É por essa razão que, objecto estranho no quadro tão algarvio destes poemas, surge “Jardim suspenso sobre o Tejo” (pp. 105-137). Nele nos fala da sua casa *a sul* de Lisboa, do «Meu Amado Mar da Palha» (p. 109), da sua «Varanda de Almada» (p. 108) onde «Não poderia viver [...] sem ao menos uma varanda/ para criar flores// como minha mãe criava galinhas». Lê-se neste conjunto uma aproximação pessoana à cidade,



Só agora, já noite, me recolhi para esta outra jardinagem  
a que quotidianamente me entrego

com paixão.

Os gestos são diferentes mas é o mesmo afã:

lançar à terra sementes, podas, água para medrarem.

E até me parece que o computador é também um seio ávido  
de germinação.

Em suma, estamos perante uma poesia que se vira para si de forma catártica, colocando indirectamente algumas questões em relação à natureza genológica do texto literário – certos poemas roçam ao mesmo tempo a poesia, o diário, a crónica, as memórias, tudo enformado por uma propensão alexiana (e porque não de influência caeiriana) para o aforismo filosófico. É um autêntico livro-paisagem de um certo sul (Faro, Cacela, Alcoutim), de um certo passado e presente da vida da escritora, mas também um itinerário sinestésico pelos cheiros, gostos e rostos das *naturezas vivas* da sua infância e que Teresa Rita Lopes quis partilhar com todos.

## Referências

- Engelhardt, J. (s.d). *The Language Habitat: an Eco-poetry Manifesto*, online in <http://www.octopusmagazine.com/issue09/engelhardt.htm> consultado a 2.12.2009.
- Lopes, T. R. (2009). *O Sul dos Meus Sonhos*. Faro: Gente Singular.
- Lopes, T. R. (2000). *Afectos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Lopes, T. R. (1996). *Cicatriz*. Lisboa: Editorial Presença.

**RICARDO MARQUES** é Licenciado e Doutorando em Estudos Anglo-Portugueses pela F.C.S.H.-U.N.L., com uma tese sobre os elementos intertextuais na poesia de Nuno Júdice, tem efectuado trabalho de investigação não só na área das Relações culturais e literárias Anglo-portuguesas, como também no domínio da Poesia Contemporânea e das suas relações intertextuais, de onde resultaram alguns artigos, comunicações, recensões e traduções publicados dispersamente. Pertence ao CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies), ao IEMO (Instituto de Estudos em torno do Modernismo) e ao IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional), através do qual já publicou o resultado de um trabalho de investigação sobre as árvores na Literatura Tradicional - \*B.I. da Figueira e do Figo, B.I. do Carvalho e da Bolota, B.I. da Oliveira e da Azeitona\*.